

# Michel Maffesoli, o pensador da vida

Juremir Machado da Silva\*

**P**ensar, elegantemente, em oposição ao conformismo intelectual instalado no coração do poder simbólico é uma tarefa para poucos. Apenas os que não têm medo do presente podem compreender o aqui e agora. A obsessão pelo futuro radioso, legítimo ideal de uma época dividida entre a inocência e arrogância do racionalismo, transformou o projeto da liberdade radical de pensamento em obrigação de pensar o dever-ser da humanidade. O francês Michel Maffesoli, autor de várias obras fundamentais para o entendimento deste final de século, dissecou o cadáver do mito futurista. Sociólogo do presente, do cotidiano, da empatia, da efervescência social, do vitalismo e da compreensão, Maffesoli sabe - com a licença de Fernando Pessoa - que demonstrar não é preciso.

Enquanto muitos fascinam o mundo discursando contra a decadência dos valores seguros e o avanço da barbárie, Michel Maffesoli, cujo livro *No fundo das aparências* (1996a) mostra a capacidade máxima de integrar diferenças, tem enveredado por um caminho muito mais árido: denunciar a chantagem contida nos lamentos tonitruantes contra a destruturação do imaginário moderno. Há, na verdade, uma espécie de nostálgica "angústia do cânone", desvairada necessidade de referência, reclamação contundente da figura paterna.<sup>1</sup> Maffesoli atreve-se a enfrentar esse dever-ser calcado na idéia da identidade irrefutável.

Na esteira da pós-modernidade desestabilizadora, que varre as certezas iluministas, tão caras aos intelectuais destituídos de poder econômico, mas enriquecidos por esse tipo de distinção social,<sup>2</sup> Maffesoli continua a mostrar (negando a lógica, que

se pretende sem brechas, da demonstração) a força criativa dos "homens sem qualidades", do hedonismo e do presenteísmo.

Michel Maffesoli descreve com detalhes essa barroquização do mundo que se funda sobre a ética da estética e, "pérola irregular", valoriza a explosão dos sentidos contra o puritanismo universal da produtividade. Não há ingenuidade nisso. O teórico pós-moderno não desconhece os sorrisos irônicos das elites agarradas como sanguessugas às suas velhas verdades. O inconformismo virou conformismo e se reproduz impulsionado pelos impropérios dos pensadores que encontraram bons sucedâneos para Deus: "Estado, história, progresso..." (1996a, p.27).

Não é por acaso que Maffesoli abre o seu livro - lançado na França em 1990, antes do extraordinário *A contemplação do mundo* (1995) e de *O elogio da razão sensível* (1996b) - com uma epígrafe de Bakunin: "A paixão destruidora é uma paixão criadora" (1996a). O teórico sensível às aventuras dos seres "banais" não se contenta com as promessas de uma sociedade perfeita e busca no universo fantástico do dia a dia a poética que, mesmo incapaz de forjar o paraíso, alimenta a atividade prazerosa e agregativa do instante vivido.

Michel Maffesoli suscita amores e ódios. Desmitificador implacável da modernidade, cujas máscaras arrancou sem piedade, não teme afirmar que "a maioria dos intelectuais, sejam universitários, jornalistas ou empresários culturais, continua a confeccionar (e a vender) uma sopa à base de moralismo, de racionalismo, sem esquecer alguns condimentos econômico-políticos" (1995). Vende-se o homem mutilado (faber, sapiens) para esconder, conforme

não cansa de indicar Edgar Morin, o ser complexo (ludens, demens) que não se encaixa nos paradigmas produtivistas do capitalismo e do marxismo (1979).

Contra a armadura do conceito, que adultera a vida para validar a teoria, Maffesoli remete à experiência sensível do corpo, do tato, do tribalismo, dos esportes, das contradições e do profundo imoralismo que dribla o cinismo da produção com o cinismo dos despossuídos. A modernidade não é o paraíso (apenas a sua promessa). A pós-modernidade tampouco faz a publicidade do céu na terra. Onde os apocalípticos vêem a marca fatal do pós-moderno, dizimando os bons valores estabelecidos, pode-se enxergar tranquilamente o estertor da modernidade, com seu cortejo de luzes, de essências, de ilusões e de cadáveres.

Na arte, a modernidade, nova tradição teológica, persiste na consagração do ininteligível (confundido com não-linear). Não se opera o nascimento do novo, mas a ritualização enfadonha do clássico. Insuportáveis herdeiros do extraordinário James Joyce e esotéricos discípulos do sofisticado Mallarmé poluem a literatura contemporânea. Na contramão do elitismo que não abre mão da pureza, a barroquização do mundo esbalda-se na mistura, na erótica do social, na orgia da miscigenação desenfreada. Os baluartes da modernidade - a unidade, a racionalidade e a linearidade - são desconstruídos pelo pluralismo, pela diversidade, pelo transitório. Adeus à identidade calcificadas. Choram as carpideiras de Apolo.

O barroco funciona como uma metáfora da sensibilidade de um tempo aberto às aparências, ao não-racional, à saturação imagética, à potência dos sentidos transbordantes. Maffesoli foi

buscar no espanhol Engenio D'Ors<sup>3</sup> o sentido do barroco enquanto estilo cultural, marca da coincidência de opostos apta a reencantar universos desencantados. Tal leitura não implica um elogio do que é. Impõe-se como constatação.

A imensa riqueza do pensamento de Michel Maffesoli ajuda a compreender os mais diversos fenômenos desprezados pelos intelectuais demasiado acadêmicos. É o caso da "estrela" esportiva. No chamado país do futebol, os intelectuais adoram pensar que o esporte é uma questão de falta de cultura. Pode-se fazer, entretanto, a leitura das contradições e das utopias de uma nação, na esteira da reflexão aberta de Maffesoli, a partir dos mais inusitados pontos de partida.

Exemplo. Romário, o anjo mestiço que levou o Brasil, graças ao seu talento extraordinário de goleador, a vencer a Copa do Mundo realizada nos Estados Unidos, tornou-se por algum tempo quase "maldito" no seu próprio reino. Por que o craque, escolhido, em 1994, pela imprensa internacional como o melhor do planeta, passou a dividir, dois anos depois, as opiniões de seus compatriotas e perdeu a oportunidade de disputar os Jogos Olímpicos de Atlanta? Qual a responsabilidade da imprensa nesse jogo de imagens truncadas?

A resposta mais simples a essa questão ocupa-se apenas dos aspectos técnicos. Romário, o baixinho temperamental que nunca encantou o treinador Mário Jorge Lobo Zagalo, teria se convertido, ao retornar ao Brasil, depois de vitoriosa temporada na Europa, em ex-jogador. Os péssimos resultados do Flamengo na era do "ataque dos sonhos" (Sávio, Romário e Edmundo) recaíram sobre o centroavante, que, apesar da falta de títulos, foi o artilheiro do seu time em 1995. Onde começa de fato o problema? O Brasil dos antagonismos vê-se confrontado com a necessidade de romper com o seu passado.

Dionisíaco, Romário representa o criador indisciplinado, o homem escravo do hedonismo, o filho do caos, da miséria e da inexplicável capacidade de invenção

do novo. Barroco, Romário encarna o Brasil que muitos desejam negar em nome da modernidade apolínea. Vitalista, o barroco transgride a linearidade do racionalismo e atenta contra os imperativos da produção. Romário é um anjo barroco de Aleijadinho.

Todos os dilemas da utopia brasileira passam pela oposição visceral entre o presenteísmo barroco e o abstracionismo futurista da modernidade almejada. Michel Maffesoli, apaixonado pelo Brasil, tem enfrentado a ira dos vendedores brasileiros de dever-ser ao afirmar que é fundamental parar de odiar o presente e de entender o vivido como sintoma de um "amanhã que canta" (1984, p.7). O vitorioso Brasil do futebol não cessa de buscar a negação de seu barroquismo, essa atitude que, nas palavras de D'Ors, pretende a humilhação da razão e caracteriza-se pelo gozo passional do aqui e agora em oposição às promessas da redenção terrestre.

Já nas eliminatórias da Copa do Mundo de 1994, o Brasil de Carlos Alberto Parreira e de Zagalo pendeu mais uma vez para o culto da objetividade e dos resultados. Dunga, como Amaral mais tarde, foi erigido em símbolo da resistência, do trabalho, da luta, da persistência, da responsabilidade e da seriedade. Romário não interessava. A derrota contra a frágil Bolívia obrigou a comissão técnica a colocar o bárbaro dentro dos seus muros. Romário amassou o Uruguai, confirmou a presença do Brasil nos Estados

Unidos e ajudou a quebrar um jejum de 24 anos. Junto com a sua competência, levou para a concentração brasileira a sua maledmolência, a sua preguiça, a sua falta de vontade de treinar etc..

Grças ao título obtido com os gols

de Romário, Zagalo pôde dispensar, em 1996, o atacante. Fortalecido pela vitória e com a saída de Parreira, o homem que participou das conquistas de 1958, 1962 e 1970 transformou-se em unanimidade. Poder que lhe permitiu sonhar com o ouro olímpico sem se tornar outra vez refém de Romário e de seu barroquismo pré-moderno. Contra o mito moderno da unidade, Romário é o herdeiro de Baco

que rompe a monotonia (o positivismo da "Ordem e Progresso") para instaurar no universo do futebol o carnaval permanente.

O discurso modernizante tratou de combater essa doença tropical. No futebol, mesmo um treinador adepto das estratégias ofensivas como Luxemburgo condenava a "humilhação dos adversários", através dos lances espetaculares de Djalminha e de Rivaldo. O que se diria hoje das molecagens de Garrincha? O exemplo do técnico sério seria Luís Felipe, o líder do Grêmio bicampeão da América. No Palmeiras de Luxemburgo, o lúdico acabava por superar os temores do estrategista. No Grêmio de Luís Felipe, os resultados sufocavam a beleza e faziam do que deveria ser um jogo a simples obrigação de vencer.

Nada mais difícil na cultura brasileira do que dizer "não". A competência precisa vir acompanhada pela simpatia. Nelson Piquet, tricampeão mundial de Fórmula 1, nunca foi amado como Ayrton Senna, pois, indivíduo de forte personalidade, tinha o hábito da irreverência, empurrada até a grosseria, e da transparência. O genial Senna, herói nas pistas, sabia também adoçar os corações com seu ar de bom menino. O craque Bebeto, talvez um pouquinho menos talentoso do que Romário, foi um simples coadjuvante do baixinho nos Estados Unidos. Desfrutava, entretanto, de aprovação geral. Zagalo adorava-o. Por quê? Não será pelo fato de que Bebeto concilia os seus gols com um jeito de "moço direito"?

Enquanto Bebeto inventava gestos paternos (embalar o filho recém-nascido) para comemorar os seus gols, Romário decepcionava Zagalo dançando o vulgaríssimo e libidinoso "tchan". Romário ama a noite, as mulheres e as festas. Faz o melhor gênero malandro da cultura brasileira. De certa maneira, conspurca a ética do trabalho ao entregar-se às atrações do lúdico. Através de Romário defrontam-se dois Brasis, duas éticas, dois projetos para uma mesma nação. O Brasil politicamente correto detesta ver-se no espelho deformado da complexa socialidade disseminada por Romário, o criador que, como a maioria dos gênios, não é santo. O esporte, nas óticas ideologizadas de direita ou de esquerda, deve servir de palco para lições de moral e cívica. Assim, Pelé é duplamente superior a Maradona, pelo futebol e pela idoneidade.

Mas o futebol é antes de tudo jogo. E,

sem ranços intelectuais, arte. Do artista não se deve exigir exemplos de moralidade; deve-se menos ainda tentar submetê-lo ao que Nietzsche chamava de moralina. O artista justifica-se pela sua genialidade. Sem Romário, Renato Gaúcho, Edmundo e outros, o futebol brasileiro seria enfadonho. No imprevisto, reside a possibilidade da fruição. Na desordem, abriga-se o inesperado, o elemento que revitaliza as relações calcificadas pela rotina.

O Brasil tira a sua maior riqueza do barroquismo, o que não o transforma em país de preguiçosos ou desordeiros. Coloca-o como núcleo de um estilo de vida. Maffesoli crê que já é tempo dos europeus começarem a beber na fonte brasileira de socialidade, esta fábrica do estar-junto, apesar dos imensos problemas, e da fuga à frieza do individualismo que espreita ou domina o Primeiro Mundo. Compreender o Brasil enquanto alma barroca não implica endossar antigos preconceitos positivos ou negativos a respeito de cordialidade ou de preguiça. Significa, ao contrário, quebrar a lógica da importação de modelos, entrar na época da globalização como parceiro, escapar ao provincianismo que cultua a modernidade em plena decomposição.

O futebol surge como a analogia possível, a figura que explicita a qualidade interna, tantas vezes negada em favor do externo, sem a justa reflexão sobre o seu valor. Romário não é brasileiro. Os criadores são sempre planetários. Serve, no entanto, de pretexto, mesmo inconsciente para os atores do drama, a uma guerra de paradigmas. Zagalo, ao repetir que vestir a "amarelinha" exige uma maneira de ser, revelaria parte de sua visão de mundo. A garra vale mais do que a ousadia. Romário, no melhor estilo do famoso jeitinho brasileiro, resolveu fazer o jogo. Decidiu brilhar, marcar muitos gols (26 nas 15 primeiras partidas do Campeonato Carioca de 1996) e mostrar-se gentil, educado, paciente, compreensivo. Pura artimanha, malandragem da boa, para ludibriar o militarismo de Zagalo. O treinador, escolado em esperteza alheia, resolveu pagar para ver: trazer o ouro sem Romário para colocar-se acima do

bem e do mal e mergulhar o Brasil de uma vez por todas na modernidade. Contra a ética laxista do catolicismo brasileiro, o velho Lobo preconizava as virtudes do calvinismo tardio. Ignorava que os melhores nunca devem sobrar.

No império das contradições, Zagalo redescobriu Romário. Em 1997, o Brasil festeja parte da sua pré-modernidade.

Com Ronaldinho, Romário duplica a brasilidade barroca. Eis um exemplo, em aparência absurdo, da abordagem polisêmica do mundo que emana da obra de Michel Maffesoli. A socialidade, fonte de vida, permeia os

subterrâneos da existência. Lê-se a cultura em todas as suas páginas. Inexistem temas nobres. A explosão dos sentidos marca a cadência da reflexão. Michel Maffesoli é um dos maiores sociólogos deste final de século, entre outras razões, por ter-se voltado para a alma do homem em todas as manifestações.

## Notas

<sup>1</sup> Ver: BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

<sup>2</sup> O tema da "distinção social" através de mecanismos simbólicos foi desenvolvido com imensa repercussão por: BOURDIEU, Pierre. *La distinction - Critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979. Trata-se, evidentemente, de uma visão, embora não destituída de verdade, oposta ao olhar generoso, mas lúcido, de Maffesoli.

<sup>3</sup> D'ORS, Eugenio. *Du baroque* (1935). Paris: Gallimard, 1983. D'Ors caracteriza o barroco como *la grosse perle irrégulière* (p.23). Mais do que um estilo artístico ou a designação de um período histórico dominado por uma modalidade, o barroco seria o *esprit et style de la dispersion* (p.74). Oposto da razão totalitária, o barroco valoriza a conciliação de antagonismos. "*Tout classicisme étant, par la loi, intellectualiste, est, par définition, normal, autoritaire. Tout baroque est vitaliste, est libertain, et traduit un état d'abandon et de vénération devant la force* (p.100-1)".

## Bibliografia

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996a.

\_\_\_\_\_. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. *Éloge de la raison sensible*. Paris: Grasset, 1996b.

\_\_\_\_\_. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MORIN, Edgar. *O enigma do homem - Para uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

---

\* Juremir Machado da Silva é Professor da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC/RS e Doutor em Sociologia pela Université René Descartes, Paris V - Sorbonne.